

CINEMA DOCUMENTÁRIO: ANTOLOGIA DO CANGAÇO

FRANCISCO RAMALHO DE MENDONÇA JR.

Para ilustrar o Curso sobre "O cangaço na cultura e realidade brasileira", em particular o cangaço no cinema, foi realizada uma curta antologia de filmes do cangaço. Essa antologia limitou-se a apresentar alguns aspectos e valores da sociedade do cangaço que guardam semelhança com as sociedades não marginalizadas: cerimônias de religiosidade, enterros, batismos, casamentos, juramentos de vingança. As cenas recolhidas, na menor brevidade possível, mostraram a sociedade do cangaço institucionalizando, a seu modo, valores da sociedade de onde vêm os cangaceiros.

Deve-se considerar que o filme de cangaço no Brasil ainda é demasiadamente pobre no seu contexto sociológico e ficcional, havendo apenas três ou quatro obras exponenciais. Daí a antologia contar com trechos de desigual valor cultural, e, sempre do ponto de vista do cangaço, tal e qual é apresentado no cinema brasileiro.

Para a realização contou-se com o apoio dos produtores dos filmes escolhidos: Aurora Duarte, de "A morte comanda o cangaço"; Oswaldo Massaini, de "Lampião, rei do Cangaço"; Juracy Teixeira, de "Três Cabras de Lampião"; Jarbas Barbosa e Glauber Rocha, de "Deus e o Diabo na Terra do Sol"; Antoninho Hossri e Irene Produções Cinematográficas Ltda., de "A Lei do Sertão".

Lamentavelmente não se incluiu um pequeno trecho (da ordem de pouco mais de um minuto, em tempo) de "O Cangaceiro" em virtude da negação da permissão de copiagem por parte da Columbia Pictures, atual detentora dos direitos de produção. Também não foram incluídos "Os Fuzis" de Ruy Guerra (impossibilidade de se conseguir uma cópia durante o tempo de produção da antologia) e "Entre o amor e o cangaço" de Aurélio Teixeira (por ter sido realizado em cinemascope e a antologia constar de filmes planos).

Do ponto de vista técnico, o filme não apresenta qualidade regular, pois a copiagem dos trechos selecionados foi feita de cópias positivas (em vez de cópias negativas, que renderiam qualidade superior), nem sempre em condições para tal trabalho; esse fato se explica pelos motivos econômicos do planejamento de produção.

TRECHOS SELECIONADOS

1. Abertura nos sertões da Bahia ouvindo-se o discurso do beato Sebastião e introduzindo a adesão do vaqueiro Manuel ao grupo comandado por Sebastião.

O discurso de Sebastião sintetiza as motivações e aspirações da sociedade que gerou beatos e cangaceiros: injustiça social. Mostra também até que ponto pode ir a religiosidade do sertanejo, ou seja, o misticismo. Analisada mais amplamente, esta seqüência mostra o domínio do beato sobre seus seguidores, o que reflete a estrutura oficial da região, ou seja, o coronelismo patriarcal. ("Deus e o Diabo na Terra do Sol").

2. Letreiros.

3. (Seqüência não incluída de "O Cangaceiro") mostraria a atitude ambivalente do cangaceiro diante da religião oficial, a Igreja, representada pelo padre. Ou seja, respeito pela sua função religiosa de representante de Deus (o cangaceiro lhe pede que faça uma oração por um companheiro morto) mas também o desprezo por sua conduta fora do templo (ouve visivelmente aborrecido o sermão que o padre lhe prega e não reluta em ficar com o cavalo que puxa a charrete em que ele viaja). Esta ambivalência de sentimentos introduziria o tema da inadequação da religião oficial, com as consequentes soluções locais para o problema. ("O Cangaceiro").

4. Juramento de vingança diante do morto. A vingança de um parente morto é uma das razões mais frequentes para o ingresso no cangaço. E o juramento de vingança adquire conotação de "promessa" quando feita diante do corpo do morto. Está presente em muitos filmes. Escolheu-se esta cena por razões de continuidade, pois o padre está presente e não aprova a atitude do futuro vingador, futuro cangaceiro. Mostra o divórcio entre a religião oficial e o sentimento de honra expresso religiosamente pelo sertanejo. ("Lei do Sertão").

5. Auto-batismo de Virgulino diante do pai assassinado. Consequência da marginalização que a necessidade de vingança propicia, e o ingresso no cangaço. Os cangaceiros distinguem-se a si mesmos por rígidas regras de solidariedade, onde não há lugar para traição, delação, etc. Formam um grupo marginal, embora refletindo a organização social vigente. Assim, o ingresso no cangaço tem a sua cerimônia de iniciação, um batismo que consiste na mudança de nome e no recebimento do chapéu de cangaceiro, que "só deve sair com a própria cabeça". ("Lampião, rei do Cangaço").

6. Corisco batiza Manuel. Continuação da cena anterior, só que agora temos a cerimônia completa, ou seja, officiada por um cangaceiro-chefe, com a substituição do nome do adventício (Manuel passa a chamar-se Satanás) e a justificativa: sua coragem e "macheza". ("Deus e o Diabo na Terra do Sol").

7. Reza de Corisco. A motivação é a vingança; o ambiente propício para sua concretização é o cangaço; e o meio é a luta. O que implica na possibilidade de morte. Surge então a cerimônia de "fechamento de corpo", para que ela não aconteça. Novamente, temos primeiro a cerimônia officiada pelo próprio interessado, por impossibilidade de se conseguir um officiante mais autorizado, um rezador ou rezadeira. ("Deus e o Diabo na Terra do Sol").

8. Cangaceiro e beato. Depois da batalha há os mortos e a religiosidade do cangaceiro respeita sua alma, mesmo que sejam inimigos. Na impossibilidade de ser rezada uma missa, e na presença de um beato, o cangaceiro (disposto inicialmente a rezar ele próprio pela alma dos mortos) lhe delega esta atribuição, o respeito pelo beato é maior que pelo padre, tanto assim que o cangaceiro se orgulha em demonstrar sua caridade e lhe dá um saco de dinheiro, o que não teria feito com o sacerdote. ("Morte comanda o Cangaço").

9. Enterrro e juramento de vingança. Sempre entrelaçados os dois temas: morte e sentimento de honra. Interessa mais a cerimônia do enterrro, com a salva de tiros, copiada das honras militares aos soldados mortos em combate. Uma fusão, portanto, de cerimônia religiosa e militar. ("Lampião, rei do Cangaço").

10. Enterrro de Serenata. Mostra bem o respeito dos cangaceiros pelos seus "instrumentos de trabalho", ou seja, a indumentária de cangaceiro, com a qual Serenata (o violero) é enterrado e a viola, transformada em cruz tumular. ("Três cabras de Lampião").

11. Casamento diante de padre. O casamento é a cerimônia onde a presença do padre é mais desejada. Assim, temos aqui um casamento de cangaceiro oficiado por um padre, mas assistido pelo chefe do bando. Novamente a relutância da religião oficial em aceitar as motivações próprias da região, o padre será convencido apenas com um argumento irretorquível: a gravidez da noiva ("Lei do Sertão").

12. Casamento "diante de Deus". Não havendo padre nas redondezas, o cangaceiro oficia seu próprio casamento. No caso, estamos diante de um cangaceiro "bondoso". A cerimônia repete as perguntas do padre, e a noiva veste-se com roupa diferente, dando maior solenidade ao acontecimento. ("A morte comanda o Cangaço").

13. Os noivos vão casar-se na Igreja. O casamento é uma forma de reintegração na sociedade. Assim, esta cena mostra, através da deserção de um casal que abandona o cangaço, a volta à sociedade, simbolizada na religião oficial. ("Três cabras de Lamplião").

Ficha técnica

Produção: Instituto de Estudos Brasileiros, 1966, 35mm, reduções em 16mm, branco e preto, 22 minutos. Idéia, argumento e seleção: Paulo Emílio Salles Gomes, Lucília Bernardet e Ursula Hohenstein. Montagem dos trechos e negativos: Silvio Renoldi. Diretor de Produção e Execução Técnica: Francisco Ramalho Júnior.

Trechos Selecionados

"A lei do Sertão" — Produção e Direção: Antoninho Hossri, Campinas, SP, 1957.
"A morte comanda o Cangaço" — Produção: Aurora Duarte, SP, 1960. Direção:

Carlos Coimbra.

"Três Cabras de Lamplião" — Produção: Juracy Teixeira, SP, 1962. Direção:
Auréllo Teixeira.

"Lamplião, rei do Cangaço" — Produção: Osvaldo Massaini, SP, 1963. Direção:
Carlos Coimbra.

"Deus e o Diabo na Terra do Sol" — Produção: Luís Augusto Mendes, Jarbas
Barbosa, Glauber Rocha, Rio, 1963. Direção: Glauber Rocha.

